

APAGÃO

Na memória de muitos de nós reside a lembrança do último apagão, lembramos do dia, onde estávamos, e o que fazíamos no momento e tudo que vimos, ou melhor, o que deixamos de ver no momento do evento, e percebemos em pouco tempo o quão dependente somos das facilidades de nossa vida moderna.

Todos reclamamos em alta voz: “Que absurdo! Ficar sem luz!” E exageramos no mesmo tom! “Como posso viver assim!”

É gratificante perceber que não perdemos ainda a capacidade de nos indignar, e como seria se nossa indignação fosse expressa em todas as áreas que afligem nossa conformada sociedade?

Vivemos dia após dia um apagão social, que nos remete a uma característica idade das trevas, a escuridão medieval se faz presente nos dias atuais por mecanismos de manipulação de massa, toleramos com invejável paciência a falta de debate e política e atuamos feito “Pierrôts” no cenário político nacional.

Continuamos a viver no escuro, a cada dois anos acendem uma vela que ilumina nosso poder, no entanto apagamos com um sopro de voto inconsciente, impedindo assim o cumprimento de nosso desejo inocente. E quando a vela, que outrora iluminou é reacendida, ao sétimo dia não mais ilumina nosso poder, mas apenas o rosto dos que nos velam.

O apagão social no qual estamos inseridos nos impede de assumir nossos deveres como seres humanos críticos e eleitores, como cidadãos. Aproveitamos, portanto o sigilo da escuridão para nos escondermos atrás

de frases que expressam uma singular percepção do conformismo político em tempos de transformismo conservador.

O apagão social não nos permite ver que o que vem sobre nós é nossa responsabilidade. O apagão social nos faz pensar de forma egoísta, o individualismo está cada dia mais entranhado na sociedade brasileira, no entanto surge no horizonte uma luz, que assim como o sol, vem do oriente, em forma de revolução, democracia e participação popular, que nos inspira a lutar contra a corrupção e outros males que historicamente afligem nossa sociedade.

É possível então superar o estado vegetativo ao qual nos acostumamos e nos identificamos, com a participação do povo consciente do seu dever como cidadão e do seu poder, a fim de criarmos uma sociedade mais justa e em moldes mais sustentáveis, redefinindo nossos padrões sociais e de consumo, garantindo melhor distribuição de renda e qualidade de vida, permitindo a expressão do desejo comum e não de interesses pessoais, e x t r e m a m e n t e danosos ao equilíbrio social e que atualmente se apresentam mais poderosos do que nunca.

Faz-se necessário uma reformulação oriunda da base da nossa pirâmide, o povo deve liderar as mudanças que deve garantir nosso

desenvolvimento, por meio das redes sociais e protestos que demonstram nossa indignação com o estado de escuridão política, os problemas não podem mais ser amenizados, por políticas simplesmente de caráter eleitoreira, por pessoas que se perpetuam no poder criando uma espécie de parasitismo hereditário e com a sociedade presa a paradigmas moldados nos séculos passados, é momento de assumirmos nossa responsabilidade e encarar as necessidades de um novo tempo e exigir mudanças por vias democráticas, do contrário, ao último que sair, por favor, apague a luz! Se houver luz...

Sergio de Mello Braga,
Aluno de gestão ambiental,
Campus Campo Grande



O GOVERNO TEM SE PREOCUPADO COM A EDUCAÇÃO NO BRASIL?

Todos sabem que o Brasil tem uma grande dívida social com a população em relação à educação. A Educação popular foi praticamente abandonada por mais de quarenta anos. No século passado, mais precisamente em meados do referido século alcançamos uma iniciativa mais sólida em direção à educação do povo brasileiro.

Até mais ou menos essa época os únicos que tinham “direito” a educação eram as classes elitizadas, com pouquíssimas vagas para os com menos condições financeiras. A situação era tão extrema que no início desse século

ainda havia mais de 18 milhões de brasileiros analfabetos.

Hoje o governo tem demonstrado mais atenção e zelo no que diz respeito à educação. A seguir vemos alguns planos que comprovam os investimentos que o governo tem feito em relação à educação.

PDDE—Programa Dinheiro Direto na Escola

Com o objetivo de melhorar a infraestrutura física e pedagógica das escolas e conseqüentemente a qualidade de ensino oferecido aos alunos, esses recursos são enviados as escolas públicas e as escolas privadas (as escolas privadas em questão são aquelas que oferecem ensino especial). Cabe ressaltar que essas instituições privadas são mantidas por entidades sem fins lucrativos.

Esses recursos são destinados, ainda, ao reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica.

A forma de repasse é feita através de uma análise do senso escolar

anterior ao ano do envio e de acordo com o número de alunos.

Podemos resumir que o objetivo do plano é dar assistência financeira as escolas de educação básica das redes municipais, estaduais e do distrito federal.

Computador portátil para professores

Através dessa iniciativa o governo espera incluir digitalmente todos os professores, objetivando uma melhora considerável no ensino brasileiro.

Hoje o projeto já atende a todo o território brasileiro e é uma iniciativa articulada em conjunto pelas Indústrias de Computadores, Bancos, Ministério da Educação (MEC), Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), Correios e Telégrafos.

Os objetivos específicos do projeto são auxiliar na formação intelectual dos professores, aumentar os patamares atuais de inclusão digital e propiciar um ambiente favorável a inovação na área da educação.

As iniciativas são diversas, contudo, ainda assim ofertamos uma educação básica bastante frágil. Apesar de quase universalizarmos o acesso ao ensino fundamental e médio, o mesmo ainda se dá de forma bem distinta dependendo da região e da classe social de cada estudante.

Chegamos à conclusão, então, que como educadores precisamos ter sentimentos que atestam que para mudar é preciso acreditar. Precisamos ter a certeza de que nosso trabalho é apenas uma gota no oceano, mas que sem ele o oceano estaria mais vazio.

Autores:

Ana Lima e Rômulo Gonçalves,
Alunos do curso de Administração
e Supervisão Escolar,
e ex alunos do curso de
Docência do Ensino Superior;
Campus Campo Grande.



AVM
EDUCACIONAL

EXPEDIENTE

Equipe Folha Azul

Colaboração: Alunos e professores da AVM FACULDADE INTEGRADA
Informativo semanal/circulação interna - Tiragem: 6.000 exemplares

Participe enviando textos, piadas ou opiniões para:

folhaazul@avm.edu.br

Os textos publicados aqui são de extrema responsabilidade dos autores.

O Folha Azul não efetua nenhum tipo de revisão e não se responsabiliza pelo conteúdo dos textos.

O PODER DA MÍDIA

No que compreende a comunicação “de massa” podemos buscar uma compreensão da construção do Estado atual como o aparato difusor da hegemonia dominante, através dos instrumentos de reprodução simbólica do sistema econômico presente.

Ciro Marcondes Filho (1989) diz que o jornalismo, normalmente, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas, o foro da objetividade. O jornalismo ao atuar de acordo com os poderes econômicos e políticos, funciona como instrumento para difundir os seus interesses de classe e transformá-las em senso comum, assim, a imparcialidade se torna impossível.

Nessa perspectiva, o autor apresenta uma relação de jornalismo e poder, afirma que a classe dominante em qualquer sistema econômico, ao se apropriar dos seus meios de produção, passa também a influenciar, direta ou indiretamente, tudo o que é produzido dentro da esfera da comunicação social.

A imparcialidade apresenta-se apenas como mero discurso reprodutor de uma idéia que a objetividade deve ser perseguida por meio de concepções impregnadas de valores morais pertencentes à ideologia do sistema econômico, os quais os grupos financeiros e políticos desejam transmitir as notícias à opinião pública.

A mesma massa que segue, é influenciada pelos formadores de opinião, que agem no interior dos meios de comunicação, colocando a população na posição de passividade. Uma vez que está excluída do processo de decisão sobre o que é verdadeiro interesse público. De acordo com Marcondes Filho (1989), estamos sujeitos à chamada que apresenta notícias ao público, de forma sensacionalista, que atemorizam, misturadas em outras amenas e superficiais, que tranquilizam.

Ao se fragmentar a informação, a verdade fica distorcida para se transformar em notícia e se adaptar às concepções mercadológicas, políticas e ideológicas do veículo jornalístico.

A própria formação da imprensa em geral exige que esta mantenha um

controle sobre os seus receptores. É comum observarmos a despolitização por parte de grande parte do público. Isso decorre da cultura de acomodação como afirma Ciro Marcondes Filho (1989), na qual atemoriza-se e logo depois de tranquiliza o receptor da notícia, com as *soft news* se contrapondo as *hard news*.

É fundamental para a existência da imprensa essa tranquilização, esse “equilíbrio” que o público é levado a ter para que continue consumindo os jornais e produtos anunciados. E, sobretudo, não se rebelde, não se insurja contra o establishment, dando aos jornalistas a função de denunciar, se indignar e “agir” em nome dele. Assim, o público não questiona as informações que vem dos meios de comunicação e as aceitam, como se estas fossem as únicas verdades.

A dependência da imprensa nos países em desenvolvimento ainda é maior por conta de um Estado subserviente às elites dominantes, como o que acontece no Brasil. Roberto da Matta (1979) diz que a sociedade brasileira se divide em duas coletividades, um Estado Nacional moderno e igualitário que nasce a partir da proclamação da república, com inspiração no modelo do individualismo burguês norte americano e uma Sociedade Hierarquizada, devido ao fato de termos sido colônia de exploração das grandes metrópoles da Europa. Assim, ainda hoje as elites dominantes reproduzem os seus valores simbólicos dentro da ideologia capitalista dominante.

E como, de acordo com a Escola de Frankfurt, os meios massivos são braços difusores da ideologia capitalista, a situação de manipulação da opinião pública é ainda mais evidente num país em que os veículos de informação estão concentrados nas mãos de um grupo reduzido de “famílias” poderosas.

Em outra visão, Kleber Mendonça (2002, pg. 47) diz, em seu livro *A Punição pela audiência*, que “a prática jurídica hierarquizada - que impede que um juiz ou um jornalista fique preso numa cela comum - é dissimulada em um conjunto de leis fundamentadas no direito universal de igualdade”. E com esses valores transpostos “mecanicamente” de países desenvolvidos para a realidade brasileira, fica difícil não haver uma manipulação maior do que é produzido pelos meios de comunicação, totalmente

constituído de uma elite privilegiada.

Existe um conflito, na sociedade brasileira, entre lei democrática e prática hierárquica, segundo Kleber Mendonça (MENDONÇA, Kleber, 2002), cujo objetivo principal é manter implícitos o conflito e a estrutura desigual da sociedade.

Ainda segundo Kleber Mendonça (2002, pg. 48), a imprensa brasileira percebendo essa contradição, atribui a si a urgência de resolver o problema. Com isso, a imprensa pratica o mesmo que diz ser contra, já que se coloca contraditoriamente acima do poder e dos reais interesses do público. Assim dentro dessa prática oportunista, a imprensa faz, com mais facilidade, o jogo do lucro dos agentes econômicos na sociedade brasileira, o jogo dos grupos que detêm os poderes políticos.

Pierre Bourdieu afirma que a desigual distribuição dos elementos de produção é o que faz com que a vida política seja descrita na lógica da oferta e da procura, portanto, o mundo político é o lugar onde se dá a concorrência que há entre os agentes envolvidos, produtos políticos, análises, programas comentários, conceitos, entre os quais cidadãos, devem escolher a melhor opção. Trata-se de um “mercado de bens simbólicos”.

Portanto, a possibilidade de engano é maior na medida em que alguém se encontre cada vez mais afastado do conhecimento político mais profundo. O público acaba não por ter vontade própria, ele apenas reproduz o que lhe propõem como sendo de seu interesse, exatamente por este motivo, que uma dona de casa, ou um operário não politizado, quando assistem o fato da queda do muro de Berlim, comemoram, sem saber o processo da produção daquela notícia, além das razões ideológicas pela derrubada o sistema socialista.

A derrocada do socialismo no leste europeu por exemplo é apresentada de uma forma reducionista, descontextualizada, como vários outros fatos sociais, políticos e econômicos traduzidos de forma tendenciosa pela grande imprensa.

Os jornalistas sérios não reivindicam uma imprensa que exalte, ou abrace concepções políticas, mas apenas que dêem ao público material noticioso de qualidade que o permita fazer sua própria análise.

Célio Azevedo, Jornalista e aluno de MBA em Gestão de Negócios.

DISCUTINDO GÊNERO

Discorrer sobre questões pertinentes a gênero tem sido de grande importância para muitos estudiosos, porém desafiadores. Desafio este que defronta-se com a sociedade em que sua maioria carrega o estereótipo concebido por seus familiares e enraizam como sendo o “certo” e o “exemplo a ser seguido”.

Pode-se considerar segundos historiadores em tempos remotos que houve um determinado momento na sociedade onde a família protegia suas fronteiras e a mulher era vista como divina somente pelo fato de procriar.

Mas diversas foram as transformações societárias em que imperou o surgimento da sociedade privada que tirou da mulher essa qualidade de divina, agora esta passa a ter uma dupla função a de “procriadora” e “cuidadora”, o individualismo era exacerbado ao homem conferia toda a autoridade do seu domicílio, e a sua esposa cabia a

submissão.

Direitos! que direitos? Esses eram pertencentes ao universo masculino rodeado dos espaços públicos, ao me vê nesse momento de permanência da família patriarcal a mulher encontrava-se totalmente em “cárcere privado”.

Ah mas muito ainda vinha para transformar a história, emergia-se um grupo totalmente insatisfeitas com tais submissões impostas as mulheres, eram elas as guerreiras, as resistentes; falo no valente movimento feminista que passou a lutar em prol da libertação das mulheres. Isso para que seus direitos fossem igualados ao dos homens e a revolução tecnológica foi o impulso fundamental para tal conquista através do surgimento da pílula contraceptiva.

Que alívio! Nós mulheres não mais atrelada a única função de procriadora agora decidimos por nós mesma o momento de procriar, ser ou não ser mãe.

Conseguimos ao longo do tempo

conquistar nossos espaços de forma igualitária, somos dotadas de um lei específica que nos defendem, temos autonomia de fazer nossas escolhas, enfim somos livres e inteligentes e preparadas para mostrar o quanto podemos ingressar no âmbito externo assumindo posições que em outro momento cabia ao universo masculino.

Reflexões a considerar:

A questão de gênero é algo construído historicamente pela sociedade, e cuidado para que no momento em que você dá a sua filha um “joguinho de panelinha”, “um fogãozinho” “uma vassourinha” não esteja formando o aprendizado dela como cuidadora do lar, tente desenvolver o aprendizado com jogos que potencialize a mente dela para futuramente estar apta a competir e estar em um patamar melhor de vida.

Elaine. C. Da Silva Demenjour,
Aluna DE Gestão em RH,
Campus Campo grande

A Companhia de Teatro da Universidade Candido Mendes (Cia. dos Empíricos) apresenta:



TEMPORADA:
De 14/10 a 17/12
Todas as quintas, sextas e sábados às 19h30

Texto e Direção Sergio Eloy

Baseada em Platão, Franz Kafka e Orson Welles, retrata um ambiente acusatório onde duas histórias paralelas acontecem: O julgamento de Sócrates, filósofo ateniense, e o julgamento de K, personagem do livro O Processo de Kafka. Acusa-me revela um mundo transformado num grande tribunal de acusação, onde se defrontam vítimas e julgadores.

ACUSA-ME

TEATRO JOÃO THEOTÔNIO

Rua da Assembléia, 10 - Centro (subsolo)

RESERVAS: (21) 8854-9974 de 13h às 19h

Lista amiga: ciadosempiricos@gmail.com

www.ciadosempiricos.com

PATROCÍNIO:

Prof. Antonio Luiz
Mendes de Almeida



APOIO:



Faz de Conta Fantasy

